

NOS COMENTÁRIOS, A LÍNGUA: O SUJEITO, SEUS DISCURSOS E SEUS ESPAÇOS PARA (NÃO) DIZER NA MÍDIA

Silmara Dela SILVA³

RESUMO

Neste trabalho, propomos algumas reflexões acerca da relação entre sujeito e língua, com foco na análise discursiva de dizeres sobre a língua portuguesa em comentários deixados por leitores-internautas em *sites* de notícias brasileiros. Da perspectiva teórico-metodológica da análise de discurso de linha francesa, na esteira das reflexões de Michel Pêcheux (1997 [1975], 1990 [1983]), voltamo-nos, assim, para a análise de um espaço não formalizado para se dizer sobre a língua na rede eletrônica, que reúne dizeres em dispersão que, por sua vez, encerram em si uma discursividade sobre a língua escrita no Brasil. Em consonância aos objetivos do projeto de pesquisa “*Cartas, comentários, efeitos: uma análise discursiva dos espaços para o sujeito na mídia*” (FAPERJ), que tem como um de seus objetivos analisar dizeres com circulação em espaços tradicionalmente classificados pelo discurso jornalístico como opinativos, dentre eles as cartas de leitores e os comentários, com vistas a depreender os dizeres dos sujeitos sobre si mesmos e os seus movimentos de adesão e/ou ruptura e resistência (Pêcheux, 1997[1975]) em relação aos sentidos privilegiados na mídia, constituímos o nosso *corpus* de análise por comentários a notícias, que comparecem nesses que entendemos como novos espaços para o sujeito na mídia, em sua extensão na internet, que se destinam a comentar não a notícia em si, mas a língua que nela se marca. Nas análises que empreendemos, questionamos o imaginário de língua (Orlandi, 2009) que se constitui para a língua escrita no Brasil e apontamos o modo como, ao dizer da língua e de seus empregos, inscrevem-se efeitos de sentidos para os sujeitos (Mariani, 2008) que nela se constituem.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso; Sujeito; Língua; Mídia; Comentários.

1. Situando a proposta

Iniciamos a reflexão que ora propomos, acerca da relação entre sujeito e língua, por duas afirmações feitas por Françoise Gadet, em entrevista dada pela linguista e por

3 Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de Letras, Departamento de Ciências da Linguagem, rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n, sala 410, Bloco B, *campus* do Gragoatá, São Domingos, CEP: 24.210-201, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: silmaradela@gmail.com.

Michel Pêcheux, a respeito do livro “A língua inatingível”. Diz ela: “jogar com as regras não é o mesmo que seguir as regras de um jogo.” (Pêcheux; Gadet, 2011:103-104). E ainda: “Fazer a língua funcionar é somente jogar nas suas coerções e nas suas lacunas – jogar nas latitudes que ela oferece.” (Pêcheux; Gadet, 2011:105). Sabemos que, naquela ocasião, Gadet sustentava uma discussão acerca da relação entre o gramatical e o agramatical, como pensados no modelo gerativo-transformacional, apresentado por Noam Chomsky, questionando um suposto “domínio de um sujeito sobre a língua” (Pêcheux; Gadet, 2011:103), bem como a centralidade da sintaxe, distante de um funcionamento linguístico-histórico, ou seja, discursivo.

Retomamos tais afirmações, no entanto, para desloca-las, pensando-as em relação ao que, ainda hoje, costumeiramente (não) se diz sobre o sujeito em seu relacionamento com a língua. Seguir as regras do jogo da língua tem historicamente apagado o jogar com a língua, relação de um sujeito que à língua se sujeita e, ao mesmo tempo, é dela o sujeito, como nos lembra Orlandi (2001); um sujeito que promove o funcionamento da língua e que nela produz sentidos.

Especificamente no caso dos dizeres que circulam de modo amplo acerca da língua portuguesa – imaginariamente a língua falada no Brasil –, “as regras do jogo” construídas pela padronização dessa língua nacional imaginária, em sua modalidade escrita, funcionam sob o efeito de evidência do sentido, apresentando-se como único efeito de sentido possível ao se dizer sobre a língua e(m) seus sujeitos.

Um dos lugares de grande circulação desses dizeres é a mídia. Já no final do século XIX, época de consolidação do jornalismo como um negócio no país (Marcondes Filho, 2000), o dizer sobre a língua é legitimado pelo espaço destinado a filólogos e gramáticos, que ganham colunas nessas publicações, a partir de 1900. Como mostramos anteriormente (Dela-Silva, 2008:210), a imprensa brasileira se constitui, assim, como uma “instituição que promove interpretações sobre o saber lingüístico ao fazer circular sentidos sobre a língua portuguesa em seus diferentes momentos no país”. Cabe pontuar que esse dizer que se dá de modo sistematizado nas colunas de especialistas dos impressos, que ainda hoje encontramos em circulação em grandes jornais do país, marca apenas a consolidação de uma prática que, de fato, teve seu início nos primeiros anos de imprensa no Brasil: desde 1821, periódicos que começaram a ser publicados fora da Imprensa Régia discorriam sobre a língua, em dizeres esparsos, em meio a debates sobre questões de unidade nacional (Dela-Silva, 2008).

São dizeres assim, com circulação igualmente esparsa, aqueles que aqui nos interessam ao nos voltarmos à análise discursiva de dizeres sobre a língua portuguesa em comentários deixados por leitores-internautas em *sites* de notícias brasileiros. Entendemos que esses comentários se apresentam como um espaço não formalizado para se dizer sobre a língua na rede eletrônica, que reúne dizeres em dispersão que, por sua vez, encerram em si uma discursividade sobre a língua escrita no Brasil.

Em consonância aos objetivos do projeto de pesquisa “*Cartas, comentários, efeitos: uma análise discursiva dos espaços para o sujeito na mídia*” (Faperj), que tem como um de seus propósitos analisar dizeres com circulação em espaços tradicionalmente classificados pelo discurso jornalístico como opinativos – dentre eles as cartas de leitores e os comentários –, com vistas a depreender os dizeres dos sujeitos sobre si mesmos e os seus movimentos de adesão e/ou ruptura e resistência (Pêcheux, 1997[1975]) em relação aos sentidos privilegiados na mídia, constituímos o nosso *corpus* de análise por comentários a notícias, que comparecem nesses que entendemos como novos espaços para o sujeito na mídia, em sua extensão na internet. Interessam-nos comentários que se destinam a discorrer não sobre a notícia em si, mas sobre a língua que nela se marca.

Como se trata de dizeres com circulação esparsa, em espaços não formalizados, ou seja, não exclusivamente destinados a esse fim, como vimos mencionando, a materialidade linguística que ora nos interessa é de difícil apreensão. É em meio a comentários dos mais diversos que dizeres pontuais sobre o emprego da língua comparecem, marcando um sempre já-lá, efeitos de sentidos em curso acerca da relação entre sujeito-língua.

De modo a atender aos propósitos ora expostos, organizamos este artigo da seguinte forma: iniciamos com a exposição do projeto de pesquisa intitulado “*Cartas, comentários, efeitos: uma análise discursiva dos espaços para o sujeito na mídia*” (Faperj), situando seus objetivos e trazendo um breve relato de seu andamento no biênio 2014/2015. Posteriormente passamos à análise de comentários sobre a língua portuguesa com circulação em espaços destinados aos sujeitos-leitores em *sites* de notícias brasileiros.

Da perspectiva teórico-metodológica em que nos inscrevemos, qual seja a Análise de Discurso que se desenvolve na esteira dos trabalhos de Michel Pêcheux, entendemos que a língua é constitutiva dos sujeitos, afastando-nos, assim, de seu entendimento como um mero instrumento de comunicação. Como afirma Orlandi

(2001:21): “As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados.”. Dizer sobre a língua, dessa perspectiva, é dizer sobre o sujeito que (n)ela habita.

2. O sujeito e os seus espaços na mídia: um percurso de pesquisa

A análise discursiva que aqui trazemos, a respeito da relação entre sujeito e língua, centrando-se em dizeres sobre a língua portuguesa em comentários deixados por leitores-internautas em *sites* de notícias brasileiros, é, como já afirmamos, parte de um projeto de pesquisa destinado à análise dos espaços que se constituem para os sujeitos na mídia, na atualidade. Por esse motivo, julgamos pertinente discorrer acerca desse projeto e de seus objetivos, de modo a situar as análises que apresentaremos na próxima seção deste artigo, bem como de dar a conhecer alguns de seus desenvolvimentos.

Trata-se, conforme afirmamos, do projeto intitulado “*Cartas, comentários, efeitos: uma análise discursiva dos espaços para o sujeito na mídia*”, implementado na UFF com o apoio da Faperj, agência de fomento à pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.⁴ Tendo em vista o propósito do projeto, de analisar os processos de constituição de sentidos para o sujeito na mídia, em diferentes momentos históricos, propomos analisar os espaços que são atribuídos aos sujeitos na mídia, dos quais as cartas de leitores e os comentários são apenas alguns exemplos. O foco da pesquisa tornou-se, assim, os dizeres do sujeito na mídia e os novos espaços para circulação desses dizeres decorrentes do desenvolvimento de extensões das mídias tradicionais na rede eletrônica, como os comentários em *sites* de notícias e em *posts* das publicações nas redes sociais.

Dentre os objetivos do projeto, elencamos: i) constituir um pequeno arquivo a ser disponibilizado na internet com amostras representativas de diferentes espaços destinados aos dizeres do sujeito na mídia na atualidade; ii) analisar a relação entre os espaços tradicionais destinados aos dizeres dos sujeitos-leitores nos impressos e novos espaços que se configuram para os dizeres dos sujeitos-internautas na rede eletrônica; iii) analisar a possibilidade de funcionamento desses espaços como lugares de

4 O projeto “*Cartas, comentários, efeitos: uma análise discursiva dos espaços para o sujeito na mídia*” recebeu apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) no âmbito do Edital de Auxílio à Pesquisa (APQ1), 2014.1 (processo nº E-26/111.491/2014), tendo sido concluído em outubro de 2015.

resistência dos sujeitos aos dizeres em circulação na mídia, refletindo, assim, sobre a possibilidade de interlocução entre sujeitos e mídia na atualidade; iv) constituir um dispositivo teórico-analítico que permita a análise discursiva dos dizeres do sujeito na mídia, a partir da fundamentação teórico-metodológica da Análise de Discurso (Pêcheux, 1997, 1997a, 1990), contribuindo para a ampliação do diálogo entre a Análise de Discurso e os estudos da área de Comunicação.

Para analisar esses espaços para os dizeres dos sujeitos em resposta aos discursos em circulação nas mídias inscrevemo-nos na perspectiva teórica da Análise de Discurso (Pêcheux, 1997, 1997a, 1990) e, deste modo, compreendemos, como Orlandi (2007), que para que algo faça sentido é necessário que o sentido lá já se inscreva pela relação com o interdiscurso, com o já-dito constitutivo de todo dizer. Com isso, pensamos que somente é possível analisar os espaços atuais para os sujeitos na rede eletrônica se levarmos em conta o funcionamento daqueles espaços mais tradicionais, como as cartas de leitores, que os antecederam e que, ainda que pela sua negação, o constituem.

Presença frequente nas publicações impressas brasileiras como único espaço de manifestação dos leitores, as cartas de leitores e o seu modo de se constituir como um lugar dedicado à escrita do sujeito-leitor em resposta aos dizeres da mídia não deixam de produzir os seus efeitos quando este mesmo espaço é ampliado (e em alguns casos “deslocado”) do papel para o virtual. Primeiramente vieram os espaços para comentários de leitores nos próprios *sites* de últimas notícias; com o desenvolvimento das redes sociais, aparecem também espaços para comentários aos *posts* das publicações em suas páginas nas redes sociais, que funcionam imaginariamente como extensões dos impressos na rede eletrônica.⁵

No âmbito das Ciências da Comunicação, muito se tem falado sobre a interatividade como uma tendência na mídia, proporcionada pela rede eletrônica e pelo desenvolvimento de novas tecnologias, como os *laptops*, *tablets* e celulares com livre acesso à internet, dentre outras. Noções como as de jornalismo participativo e mídia cidadã, compreendidas como decorrentes de “um modelo de jornalismo em que o leitor/usuário deixa de ser um mero receptor” e passa a participar “do processo de produção de um conteúdo jornalístico” (Cavalcanti, 2008:2) são decorrentes dessa

5 Retomamos nesta seção algumas das considerações que apresentamos inicialmente no artigo intitulado “Das cartas de leitores às redes sociais: o espaço para o sujeito na revista *Superinteressante*” (Dela-Silva, 2013), bem como do artigo “Os ‘novos’ espaços para os sujeitos e(m) seus processos de (contra)identificação com o discurso midiático (Dela-Silva, 2013a).

imagem de sujeito-leitor conectado à internet e, conseqüentemente às mídias, e da tendência de ampliação dos espaços para os dizeres dos sujeitos na mídia por meio da rede eletrônica: das tradicionais cartas de leitores para os comentários; dos comentários às notícias para o envio de pautas e fotos; do envio de materiais a serem utilizados na produção jornalística para a produção de reportagens sob a supervisão de profissionais da mídia. São essas novas tendências midiáticas e as (novas) relações que elas proporcionam entre mídia e sujeito que tomamos como foco no projeto de pesquisa em tela.

Tradicionalmente, as reflexões sobre esses espaços para os sujeitos na mídia, no âmbito das Ciências da Comunicação, apresentam análises quantitativas sobre a participação dos leitores-internautas em uma publicação, ou fazem uma descrição de novas tendências. No caso das análises de cartas de leitores e comentários, normalmente elas apresentam a análise quantitativa, com base no número de cartas de leitores publicadas em um periódico, por exemplo (cf. Chaparro, 1992), e dedicam-se à proposta de classificação dos gêneros textuais, que incluem as cartas de leitores e os comentários como gêneros jornalísticos opinativos (Marques de Melo, 1992, 1985; Chaparro, 1992; Coelho, 1992). No caso dos trabalhos sobre jornalismo participativo, prioriza-se a reflexão sobre o impacto desta participação dos leitores no fazer jornalístico, nas práticas de produção das notícias e transmissão das informações (Cavalcanti, 2008).

Em nosso projeto de pesquisa, propomos um olhar discursivo para esses espaços destinados aos sujeitos-leitores. Dessa perspectiva, deslocamo-nos em relação à visão corrente que considera os dizeres em circulação na mídia como mensagens a serem transmitidas ao público-leitor. Pensamos, como Pêcheux (1997a) e Orlandi (2001), que as práticas jornalísticas e midiáticas constituem discursos (e não mensagens), compreendidos como processos de produção de sentidos por e para sujeitos. E nos questionamos sobre a possibilidade de analisar os espaços destinados aos sujeitos-leitores nas publicações com foco nas possibilidades que os sujeitos leitores têm de trazer para as suas respostas outros dizeres que escapam àqueles em circulação na mídia (Dela-Silva, 2013a), constituindo assim os espaços para os seus dizeres na mídia como lugares de interlocução e não apenas de interação com as novas tecnologias (Grigoletto, 2011).

Uma vez que os espaços para comentários, seja em *sites* de notícias, seja em páginas de publicações nas redes sociais, sustentam-se na formação imaginária (Pêcheux, 1997a) de espaços da “liberdade do dizer” para os sujeitos nos discursos

da/sobre a mídia, tais espaços parecem-nos privilegiados para observar em que medida, ao manifestar-se nesses espaços onde imaginariamente “tudo se pode dizer”, “sem limites de espaço” e “com circulação imediata”, os sujeitos leitores-internautas conseguem colocar em circulação outros dizeres, deslocando-se, assim, ao ecoar dos sentidos privilegiados pela mídia.

Ainda no âmbito do projeto, propomos a constituição de um arquivo representativo desses espaços para os dizeres dos sujeitos na mídia, tendo em vista as suas novas configurações em função das mídias disponíveis na rede eletrônica. Diante deste arquivo, o objetivo é realizar uma análise do funcionamento ideológico desses espaços, com foco na possibilidade de caracterização desses espaços como lugares de interlocução do sujeito com a mídia, bem como lugares de resistência dos sujeitos aos discursos em circulação na mídia, capazes de proporcionar a emergência de novos sentidos e não apenas a repetição do já-dito em permanente circulação na mídia.

Dentre as justificativas que elencamos para o projeto de pesquisa que aqui apresentamos, destacamos a contribuição para as reflexões sobre a relação entre sujeito e mídia, na perspectiva da Análise de Discurso, centro de nossas pesquisas (Dela-Silva, 2010, 2011, 2011a, 2012, 2013). A proposta de constituir um arquivo com materiais representativos dos diferentes espaços destinados pela mídia aos sujeitos, na rede eletrônica, por sua vez, vai ao encontro da proposta geral de pesquisa do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), institucionalmente ligado ao Departamento de Ciências da Linguagem da UFF, de “discutir e analisar a subjetividade em suas diversas materialidades”, e de “construir um arquivo digital sobre o sujeito na contemporaneidade” (LAS, 2009), a ser disponibilizado como base de estudos e pesquisa não somente para os pesquisadores do próprio laboratório, mas para interessados nessa temática.⁶

Ao voltarmos-nos aos variados espaços destinados aos sujeitos na mídia na atualidade, como proposto inicialmente, a questão da língua, em seu comparecimento nesses variados espaços da mídia que constituem nosso *corpus* de análise, mereceu nossa atenção. Foi assim que, de imediato, abrimos uma frente para se pensar especificamente a questão da língua nos comentários, com o projeto de iniciação

6 O Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) é coordenado de forma colegiada pelas docentes e pesquisadoras Bethania Mariani, Silmara Dela Silva e Vanise Medeiros, junto do Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras da UFF. O LAS foi fundado em 2009 e, desde então, tem se dedicado a pesquisas acerca do sujeito na contemporaneidade, bem como à constituição de arquivos. Informações no *site*: <www.uff.br/las>.

científica intitulado “*O discurso sobre a língua na rede eletrônica: uma análise de comentários do Facebook*”, que tem como foco comentários com circulação em grupos da rede social *Facebook*, destinados a discussões sobre leitura, que se ocupam de discorrer sobre a língua e(m) sua relação com os sujeitos que a empregam.⁷

Contudo, conforme observamos, tais comentários não ocorrem apenas nas redes sociais. Dizer sobre a língua é também um funcionamento que percebemos recorrente nos espaços destinados aos comentários nas publicações jornalísticas on-line. São esses os comentários que aqui nos interessam mais diretamente, sobre os quais nos debruçamos nas análises que apresentamos a seguir.

3. Os comentários sobre a língua: um gesto de análise

Nossa proposta, neste artigo, é analisar discursivamente dizeres sobre a língua portuguesa, que são deixados em espaços de comentários em *sites* de publicações jornalísticas brasileiras, por leitores-internautas. Desse modo, dirigimos nossa atenção a um espaço não formalizado para se dizer sobre a língua na rede eletrônica, em que se encontram dizeres em dispersão que, no entanto, encerram em si uma discursividade sobre a língua escrita no Brasil. Pensar a relação entre sujeito e língua e, de modo especial, a língua escrita, requer uma reflexão acerca de que língua é essa sobre a qual se diz. Trata-se, como veremos, de uma língua imaginária que, conforme Orlandi (2002:22), é a aquela “que os analistas fixam com suas sistematizações”. Entendemos como a língua imaginária aquela que se fixa nas gramáticas e nos dicionários, atrelada a uma representação gráfica; uma língua padronizada que, no entanto, apresenta-se ao sujeito sob o efeito de evidência da única língua possível.

Em suas pesquisas, Orlandi (2002:22) nos aponta o modo como a língua imaginária se constitui por oposição à língua fluida, “que não se deixa imobilizar nas redes de sistemas e fórmulas.”. A construção do português enquanto língua nacional do Brasil decorre, segundo Orlandi (2002), desse domínio da língua imaginária, que produz um efeito de apagamento sobre a heterogeneidade linguística, “trabalho da língua sobre

7 O projeto de iniciação científica aqui mencionado recebeu apoio financeiro da UFF, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFF), no segundo semestre de 2014. A pesquisa desenvolvida pela graduanda em Letras Janaina Soares Almeida Cruz tem término previsto para julho de 2016. Alguns apontados sobre a pesquisa pode ser lido em Cruz (2015).

a língua” (Orlandi, 2002:31).⁸ Entendemos que é um imaginário de língua que subjaz os comentários acerca da língua portuguesa em sua escrita, nos espaços que ora propomos analisar.

Como temos mostrado em reflexões anteriores (Dela-Silva, 2013, 2013a), diferentemente das cartas de leitores, os comentários na(s) rede(s) – nas páginas das publicações na rede eletrônica (em seus *sites* próprios) ou em suas páginas em redes sociais, como o *Facebook*, por exemplo –, eventualmente possibilitam aos sujeitos, na posição de comentadores, apontar para sentidos outros em curso, diferentes daqueles que são privilegiados pelas publicações. Apesar de todo controle sobre o dizer do sujeito nos comentários, materializados na redação de normas específicas do que não se pode publicar e na necessidade de se elaborar todo um cadastro prévio nos *sites* para ser possível comentar – formas de não deixar esquecer que mesmo nesse espaço do imaginário poder dizer, tudo não pode ser dito – alguns sentidos escapam em meio aos dizeres possíveis. Pensamos que dizer sobre a língua está entre esses sentidos possíveis.

As três sequências discursivas que analisamos a seguir foram recortadas de espaços de comentários em *sites* variados, a saber de duas páginas do jornal *Folha de S. Paulo*, sendo uma delas dedicada à editoria Mundo e outra, à editoria Ciência e Saúde; e uma página da revista *Superinteressante*, periódico dedicado à divulgação de ciência. Nas figuras 1, 2 e 3 a seguir, apresentamos *print screen* de cada página, em que se pode ver a notícia geradora de cada comentário apresentado na sequência, que será analisado posteriormente:

⁸ Orlandi (2002) expõe a noção de heterogeneidade linguística em nota ao final de seu texto, quando explica tal formulação em relação às propostas de heterogeneidade enunciativas, formuladas por J. Authier-Revuz.



Figura 1: Print screen de página da editoria Mundo do jornal *Folha de São Paulo*, com o início de uma notícia que receberá um comentário sobre a língua (SD1).

SD1: “Abordaram ele”? O jornal não tem mais revisor de gramática normativa?



Figura 2: Print screen de página da editoria Ciência e Saúde do jornal *Folha de São Paulo*, com o início de uma notícia que receberá um comentário sobre a língua (SD2).

SD2: “apostos” não seria escrito “a postos”..... A extinção da exigência de curso de jornalismo para exercer a profissão complicou tudo.



Figura 3: Print screen de página da revista *Superinteressante*, com o início de uma notícia que receberá um comentário sobre a língua (SD3).

SD3: Ei, editor! Corrija **RAPIDAMENTE** esta matéria, por favor. Colho do seu texto: “Pobrezinhos dos intermediários, que já são tradicionalmente **TAXADOS** de problemáticos, né? “**TAXAR**” com “**X**” significa “pôr preço em algo, tributar, determinar taxa.” Você deveria ter grafado **TACHAR** que significa “pôr defeito, acusar, estigmatizar”. Obrigado!

Nos três comentários que aqui mobilizamos (SD1, SD2 e SD3), temos um dizer que aparentemente incide sobre a língua, mas que diz das relações do jornalista ou da instituição imprensa com essa língua. Observamos que nessas sequências discursivas não são discutidas questões relativas aos efeitos de sentidos possíveis dos relatos jornalísticos ali trazidos. Não são as notícias pr si mesmas que são comentadas em seus gestos interpretativos, mas o emprego da língua em sua modalidade escrita em cada caso.

A questão apontada não é exatamente a mesma sempre. No primeiro caso, temos questionado um emprego pronominal (“abordaram ele”), cabe ressaltar, uma forma corrente no emprego oral da língua. No segundo e no terceiro casos, temos situações relativas à grafia de expressões e palavras homófonas: “apostos” e “a postos”; “taxado” e “tachado”. Nos três casos, a padronização da língua para a escrita se coloca, uma questão que, aparentemente, nada tem a ver com a relação do sujeito com sua língua, mas apenas com a representação escrita dessa língua. No entanto, não é fora de uma memória discursiva, de um já-dito da norma e do erro que esse dizer sobre a língua funciona. Há um já-dito sobre a língua escrita que constitui esse discurso sobre a língua materializado nesses comentários, que justamente produz como efeito para a escrita da naturalização do sentido: é assim que deve ser escrito e não de outro jeito.

Sabemos que o discurso sobre a escrita, no entanto, não diz apenas da escrita em si. Conforme Orlandi (2002:233): “A escrita, numa sociedade de escrita, não é só um instrumento: é estruturante. Isso significa que ela é lugar de constituição de relações sociais, isto é, de relações que dão configuração específica à formação social e a seus membros.”. O discurso sobre a escrita, em nossa formação social, diz de nossa configuração sócio-histórica, diz dos sujeitos e de sua relação com a língua que imaginam sob seu domínio.

Assim, é também de relações específicas entre os sujeitos e as instituições que tratam os três comentários. Quando dizem sobre a língua em sua escrita, os sujeitos comentadores dirigem-se ao jornal, ou às práticas jornalísticas em nossa formação social. Na SD3, por exemplo, esse dizer à publicação se marca no vocativo: “Ei, editor!”, que é chamado a corrigir “rapidamente” a grafia da palavra “taxados”. No fio do discurso, o sujeito que comenta apropria-se de uma explicação de grafia das duas palavras (taxados/tachados) encontrada exaustivamente em dicionários e compêndios sobre dúvidas de emprego do português para dizer ao editor, a quem se dirige, como escrever. Na SD1, questiona-se uma falta – em “O jornal não tem mais revisor de gramática normativa?” –, apontando uma suposta falha não do jornalista que assina a reportagem, mas do jornal, que teria dispensado ou não emprega revisores. Na SD2, por sua vez, o que se coloca em suspenso é a formação dos jornalistas de um modo geral, o que se marca na menção à “extinção da exigência de curso de jornalismo para exercer a profissão”, que havia sido decidida pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2009, o que faz funcionar o não-dito de que é a formação superior em jornalismo que é capaz de fornecer um “domínio” de língua escrita ao sujeito jornalista.

Os comentários funcionam, nesses casos, como espaços no interior das publicações que permitem questionar as práticas dos jornalistas e da imprensa, mas tudo isso se faz a partir de um dizer sobre a língua e a sua escrita. A língua precisa ser corrigida “rapidamente”, “por favor”; ela precisa de “revisor de gramática normativa”; e deixa explícitas lacunas na formação dos jornalistas.

Cabe apontar, entretanto, que esses comentários nem sempre alcançam relevância junto às próprias instituições que os mantêm enquanto um espaço da chamada interação que pretendem manter com seus leitores. Os comentários aqui mencionados não receberam qualquer resposta das instituições e um deles foi apagado. Somente a grafia da expressão “a postos” foi alterada na notícia, o que também não se pode garantir que aconteceu em consequência do comentário a esse respeito. A

interação via rede eletrônica se mantém, mas não se pode afirmar que ocorra a interlocução (Grigoletto, 2011), uma relação entre sujeitos.

Como já-dito, nos comentários reafirma-se a evidência de que a escrita recobre a língua e, ainda mais, a evidência de que se trata de uma língua, que conforme nos lembra Orlandi (2002:22), tem a “construção imaginária da unidade e da homogeneidade como pré-requisitos básicos para se ter uma identidade em um país específico, com suas formas específicas de governo e com uma língua (nacional).”.

4. Para finalizar

Para fechar, ainda que provisoriamente, as considerações que ora trouxemos, retornamos à afirmação de F. Gadet com a qual iniciamos este artigo: “jogar com as regras não é o mesmo que seguir as regras de um jogo.” (Pêcheux; Gadet, 2011:103-104). O discurso sobre a escrita, em nossa formação social, contribui para encobrir a possibilidade que tem o sujeito de jogar com as regras da língua, fazendo-o crer que a padronização escrita equivale à própria língua.

Imersa no efeito de evidência desse sentido, a mídia – com suas colunas de especialistas e seus manuais de como (não) escrever – reafirma tais sentidos, mas do jogo da língua também não pode escapar. A falha na representação escrita mostra, justamente, o seu caráter de representação, que tenta dar conta de uma língua que não se contém na escrita, que não se contém no sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cavalcanti, Mario Lima. (Org.). 2008. *Eu, mídia*. A era cidadão e o impacto da publicação pessoal no jornalismo. Rio de Janeiro: OPVS.

Chaparro, Manuel Carlos da Conceição. 1992. Carta. *In*: Marques de Melo, José (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, p. 63-74.

Coelho, Marcos Flávio Simões. 1992. Comentário. *In*: Marques de Melo, José. (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, p. 75-81.

Cruz, Janaína Soares Almeida. 2015. Língua, discurso e rede eletrônica: uma análise de comentários no Facebook. *In*: Dela-Silva, Silmara.; Medeiros, Vanise.; Mariani, Bethania. (Orgs.). Anais do III Seminário Interno de Pesquisas do Laboratório Arquivos

do Sujeito. Niterói-RJ: Laboratório Arquivos do Sujeito. Disponível em: <<http://www.uff.br/las/periodicos/index.php/seminariointerno/article/view/65>>. Acesso em: 02 out. 2015.

Dela-Silva, Silmara. 2013. Das cartas de leitores às redes sociais: o espaço para o sujeito na revista *Superinteressante. Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, p. 1200-1214.

_____. 2013a. Os “novos” espaços para os sujeitos e(m) seus processos de (contra) identificação com o discurso midiático. In: Grigoletto, Evandra *et al.* (Orgs.). *Identidade e espaço virtual: múltiplos olhares*. Recife: Editora Universitária da UFPE. p. 73-92.

_____. 2012. Discurso, mídia e educação: da (não)obviedade dos sentidos. In: Mariani, Bethania.; Medeiros, Vanise. (Orgs.). *Discurso e....* Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ. p. 179-198.

_____. 2011. Discurso, arquivo e saber: a mídia na constituição de arquivos na atualidade. In: Mariani, Bethania.; Medeiros, Vanise.; Dela-Silva, Silmara. (Orgs.). *Discurso, arquivo e....* Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ, p. 234-244.

_____. 2011a. Em tempos de televisão digital: o discurso sobre as novas tecnologias e o sujeito na atualidade. In: Grigoletto, Evandra.; De Nardi, Fabiele Stockmans.; Schons, Carmen Regina. *Discursos em rede*. Práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife-PE: Editora Universitária UFPE, 2011a, p. 95-117.

_____. 2008. Imprensa e saber lingüístico: o percurso de uma instituição. *Revista da ANPOLL* (Impresso), v. 25, p. 207-226.

Grigoletto, Evandra. 2011. O discurso nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In: Grigoletto, Evandra.; De Nardi, Fabiele Stockmans.; Schons, Carmen Regina. *Discursos em rede*. Práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife-PE: Editora Universitária UFPE, p. 47-78.

LAS. Site do Laboratório Arquivos do Sujeito. 2009. Disponível em: www.uff.br/las. Acesso em: 24 jun. 2014.

Marcondes Filho, Ciro. 2000. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores.

Mariani, Bethania. Língua nacional e pontos de subjetivação. 2008. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 37, n 3, p. 25-31, set.-dez.. Disponível em: <http://gel.locaweb.com.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_03.pdf>. Acesso em 26 ago. 2015.

Marques de Melo, José. (Org.). 1992. *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD.

_____. 1985. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes.

Orlandi, Eni Puccinelli. 2009. *Língua brasileira e outras histórias: o discurso sobre a língua e ensino no Brasil*. Campinas: Editora RG.

_____. 2007. *Interpretação*. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5 ed. Campinas-SP: Pontes.

_____. 2002. A língua brasileira. In: *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, p. 21-32.

_____. 2002. Reflexões sobre Escrita, Educação Indígena e Sociedade. In: *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez. p. 231-246.

_____. 2001. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. 3 ed., Campinas: Pontes.

Pêcheux, Michel.; Gadet, Françoise. 2011. A língua inatingível. In: *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados por: Eni Puccinelli Orlandi. Tradução Sérgio Augusto Freire de Souza. Campinas-SP: Pontes Editores, p. 93-105.

Pêcheux, Michel. 1997[1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Bethania Mariani *et al.* 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp.

_____. 1997a. Análise automática do discurso (AAD-69). In: Gadet, Françoise.; Hak, Tony. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, p. 61-161.

_____. 1990. *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes.

Corpus de análise:

Brito, Diana. 2013. 'Espero que o governo brasileiro faça alguma coisa', diz brasileiro detido em Londres. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/08/1328514-espero-que-o-governo-brasileiro-faca-alguma-coisa-diz-brasileiro-detido-em-londres.shtml>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

Ortiz, Fabiola. 2012. Operário ser atingido por vergalhão e não ter sequelas é um mistério para a ciência, diz médico. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2012/08/31/operario-ser-atingido-por-vergalhao-e-nao-ter-sequela-e-um-misterio-para-a-ciencia-diz-medico.htm>>. Acesso em: 05 maio 2015.

Perin, Thiago. 2011. Filhos primogênitos são mais inteligentes. *Superinteressante*. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/cienciamaluca/filhos-primogenitos-sao-mais-inteligentes/>>. Acesso em: 2 fev. 2015.

